

Afundando a ponta e pegando na mão: a brincadeira de pião rachando a educação

Flávio Nunes dos Santos Júnior
EMEF Maria Rita de Cássia Pinheiro Simões Braga

Este relato representa um olhar dos tantos possíveis acerca da tematização da brincadeira de pião junto a estudantes dos quartos anos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Rita de Cássia Pinheiro Simões Braga, situada na região da zona sul da cidade de São Paulo, mais precisamente no distrito do Capão Redondo.

O ano de 2018 foi reservado para experimentar práticas ainda não vividas no ambiente escolar, sobretudo nas aulas de Educação Física. No ano anterior tínhamos experimentado as brincadeiras promovidas pelas crianças no dia-a-dia nos mais diversos lugares que frequentavam. Sendo assim, o momento seria oportuno para construção de experiências outras no ambiente escolar, fazendo do currículo acessado pelas crianças um território múltiplo.

O pontapé inicial foi marcado pela vivência da brincadeira, o encontro entre sujeitos e objetos fez surgir grandes fluxos de falas, anúncios que nos permitiram situações variadas ao mesmo tempo, num jogo repleto de tensões e informações. “Professor, é muito ruim rodar na minha rua”. “Onde você roda?”. “Na minha casa”. “Quem te ensinou, Luiz?”. “Foi meu pai. Ele pega na mão. Os moleques lá são mó burro, colocam tampinha. Eu faço igual ao meu pai, faço um nó para colocar no dedo”. “Meu pai rodava quando era criança, ele disse que brincava de rachar pião”. “Meu tio sabe rodar”. “Me dá o que tem ponta”.

Ocupando o corredor da escola, Ana Clara teve facilidade, explicou aos colegas como rodava. A situação ficou embaraçada, os planos iniciais passaram por algumas cenas de disputas. Uma turma começou a ensaiar uma dança, enquanto outra professora, junto com estudantes do nono ano, passearam com um overboard pelo local. Não teve jeito, a maioria ficou curiosa por essas atrações e reduziu o foco no pião. Alguns desistiram de rodar. “Eu não consigo rodar isso, não. Nunca rodei. Toma”. “Por que você deixou o pião e a fieira no chão?”. “Eu não consigo rodar”. “Pega lá, então”.

As cenas foram variadas, exploraram-se outros espaços da unidade e nada como um dia após o outro para desfamiliarizar algo que aparece como

natural. “Pião é brincadeira de menino. Menina não sabe rodar”. Foi o que ouvi de um menino da turma. Ninguém disse nada, apenas o observou, em meio a sua corrida e sorriso no rosto. Quando chegamos ao local combinado para realizar a prática, distribuiu-se os piões. Após algumas tentativas, explicações, demonstrações. “Quero esse não, não tem ponta”. “Enrola aqui, professor, eu não sei”. “Eu consegui, olha”. “Eu também”. “Professor, eu não sei enrolar o barbante”. “Barbante não, feira”.

No meio de tantas tentativas, fugas, ajudas, aquele que disparou uma opinião aparentemente natural contra as meninas se deparou diante de uma cena fissurante para suas certezas. “Eu não quero essa bosta não”. “O que foi, cara? Por que está chorando?”. “Você não me ajuda”. “Como não? Expliquei, enroli a feira. Estou ajudando seus colegas também”. “Até essa menina tá rodando, e eu não”. “Ué, mas não foi você quem disse que menina não sabe rodar?”. “Sai para lá, vou jogar fora essa merda”.

As falas cortaram como navalha, rasgaram a carne e promoveram aberturas em discursos cristalizados, levando o pensamento de um lugar que se acreditava seguro para um ainda não sentido. As explicações docentes não se fizeram suficientes para alguns, logo, a saída foi recorrer à colega. “Depois que ela me explicou eu consegui rodar”. “A Bianca me ensinou”.

Um dos grandes esforços ao longo do trabalho consistiu em permitir e valorizar as diferentes formas de rodar o pião. Relembrar aula após aula que não havia um jeito certo, ao destacar que cada um tinha o direito de buscar e desenvolver a sua maneira de rodar o pião. “Eu não consigo. Como é que roda?”. “Não tem um jeito certo para rodar, eu rodo assim, ó”. “Como você roda, Carlos?”. “Aprendi com meu pai”. “Professor, o Fabricio amarrou uma tampinha na feira”. “Isso é comum, o Luiz faz nó na ponta, como se fosse um anel, para encaixar o dedo”. “O moleque lá na minha rua enrola nos dois dedos”. “Eu enrolo a feira em um só”. “A Bianca sobe no banco, esse é o segredo dela”. “Olha professor, paga um pau, eu pego na mão”.



Com as tentativas e as inúmeras pancadas, alguns piões não aguentaram. “Cadê a ponta?”. “Esse não tem”. “Não tem pião para todos, é preciso dividir com os colegas”. “Cauê, arruma esses piões aqui”. “Cadê, pro?”. “Está aqui”. “Precisa de ferramenta”. “Vou lá pegar”. “Cuidado para não se furar aí, hein”. “Deixa eu levar pra casa, professor, lá eu arrumo?”. “Meu pai sabe arrumar pião”.



A prática fora dos muros da escola passou a vigorar entre os mais entusiasmados. Alguns estudantes passaram a brincar no quintal de casa, na

rua, a trocar conhecimentos sobre a prática com amigos, vizinhos, familiares, enquanto outros só intensificaram essa relação. “Professor, o Pablo tá zoando o Fabricio porque ele está com um cordão grosso”. “Minha mãe fez um pião para mim, pião fênix”. “Professor, fui lá no Celso¹, minha mãe comprou um para mim”. “Olha, professor, peguei na festa, na brincadeira, mas a fieira é ruim”. “Agora eu já estou bom, treinei em casa”. “Comprei um, professor, eu não consegui rodar”. “Por que você não pediu para seu pai te ensinar?”. “Meu pai só quer saber de cartola”. “Eu fui em Santo Amaro com minha mãe, o pião tava R\$ 20,00, muito caro. Falei para ela que depois eu comprava com o dinheiro que eu ganho olhando a oficina do meu pai”.

Além disso, a personalização e a busca por novos conhecimentos acerca da prática latejaram. “Eu pintei o meu”. “Pintou com o que?”. “Pintei de canetinha”. “Tem gente que corta essa cabeça do pião”. “Pião novo é ruim, a fieira não fica presa”. “Ontem eu vi uns vídeos no YouTube de uns caras rodando. Eles jogavam e caía na mão. Mó chave”. Essas declarações incentivaram a assistência de vídeos que ajudassem a compreender como é fabricado o pião, os diferentes tipos e as inúmeras possibilidades de rodá-lo.

Selecionei umas edições² de vídeos no YouTube. “Hoje nós vamos assistir uns vídeos sobre o pião”. “Ah não, professor, vamos sair”. “É filme?”. “Não”. “Vamos ver como o pião é feito e do que é feito e como as pessoas o utilizam em outros lugares”. Em meio a revoltas e ao desânimo por ter de ficar em sala, iniciou-se a conversa acerca da construção. Dois vídeos nos ajudaram a compreender a fabricação, o primeiro apresentava a produção no torno, o segundo retratava garotos indígenas do estado do Amazonas confeccionando manualmente. Enquanto o primeiro recorria às técnicas da fabricação e ao maquinário industrial, o segundo utilizava os ensinamentos da ancestralidade, tendo de realizar manualmente todo o processo, desde buscar a madeira na mata até o acabamento do formato.

¹ Celso é proprietário de um bazar na comunidade.

²<https://www.youtube.com/watch?v=8YYk9mU4JzA>
<https://www.youtube.com/watch?v=8YYk9mU4JzA>
<https://www.youtube.com/watch?v=ZhgKdTyRNo8&t=554s>
https://www.youtube.com/results?search_query=rei+do+piao
<https://www.youtube.com/watch?v=pVAjwjxWYAg>

O vídeo *Manobra épica com pião* apresenta dois rapazes procurando piões no comércio próximo de casa, ao encontrá-los, faz alguns comparativos com um modelo que já possuíam há mais de dez anos, tocando nas diferenças de ponta, formato e qualidade da madeira. Juntamente aos companheiros, relembram a forma como rodavam na infância. As informações nos levaram a refletir acerca do cerceamento do discurso da segurança na fabricação do pião. “Observem as mudanças ocasionadas no pião, antes ele tinha uma ponta de prego”. “Meu tio falou isso, ele jogava pra quebrar o pião”. “Esse vídeo mostra um certo formato de pião em um dos países do Oriente”. “Ah, eu já vi esse vídeo aí. Ele vai sair correndo”. “Olha o tanto de gente em volta”. “Nossa, olha o tamanho desse pião”. “É muito pesado esse pião, olha a força que ele fez”. “Nossa, o cara corre com a corda”. “Ele é mito”³.

Outro vídeo exibia dois garotos produzindo várias manobras com um pião de plástico que continha um rolamento na ponta. “Esses moleques manjam, hein”. O último vídeo retratava um rapaz que circula pelas ruas de uma cidade do estado do Pará fazendo exhibições com um pião bem arrojado. “O pião do tiozinho é chave, hein”. “Nossa, ele roda na testa”. “Olha o tiozinho”. “Eita, porra”. “Caramba”. “O bicho é craque”. “O pião dele é chave”. “A tia Marta do CCA sabe rodar”. “Professor, nas Olimpíadas poderia ter pião, né?”.

Depois de assistir aos vídeos e comentar o conteúdo, algumas questões passaram a perturbar o nosso imaginário. “Onde estão as mulheres na prática de pião?”. Durante o desenvolvimento do trabalho, ao realizar a busca de vídeos, não foi encontrado sequer um que mostrasse mulheres ou meninas jogando. Localizamos apenas vídeos produzidos por rapazes e meninos com milhares de acessos, alguns contendo mais de um milhão de visualizações.

Portanto, foi colocado para turma que esse disparate virtual ajuda a contribuir para a fala: “pião é brincadeira de menino. Menina não sabe rodar”, porém as aulas estavam revelando outros horizontes, oportunizando tanto aos meninos quanto às meninas, intensos encontros para rechaçar algo que se aparentava natural.

Além destes pontos, tratamos os diferentes tipos de pião produzidos pelos inúmeros grupos, não vimos todos, mas a pequena quantidade já foi o suficiente

³ <https://www.youtube.com/watch?v=Db4IH3BZE0Q>

para uma estudante mencionar sua esperança diante dos familiares. “Meu pai fazia pião com tampinha de garrafa e massinha”. O encontro possibilitou conhecer o pião produzido com tampinha de detergente, cabaça, madeira, com tampa de garrafa pet e plástico. Diante das imagens, as análises das crianças rumaram também para observações bem interessantes. “Não é só criança que brinca, adulto e idoso também jogam pião”.



Pião com cabaça



Pião com tampinha de detergente



Pião de plástico



Pião com tampinha de garrafa pet

Em nova prática, os encontros seguiam, a desistência não era diferente, a fuga para produzir outras brincadeiras pintava com cores fortes, ao mesmo tempo que novas tentativas surgiam. “Professor, eu peguei na mão”. No trânsito diário, alguns estudantes do 9º ano apareceram. “O menor, não é assim, não. Empresta aí, é assim oh”. A segregação dos corpos foi burlada pela potência dos próprios alunos e da escola, a dinâmica infanto-juvenil perfurou as estruturas que interditam o contato entre as turmas e ocasionou um choque de saberes, possibilitando experiências geradoras de grandes efeitos: “professor, consegui. Aquele menino grande me ensinou”.

A prática transcendeu a aula de Educação Física, invadiu outras aulas. “Flávio, esses alunos não param de rodar pião na aula”. “Flávio, esses meninos não querem mais fazer lição por causa desse pião”. “Flávio, estão te chamando lá na direção”. “Então, você precisa orientar os alunos sobre o pião, eles estão atrapalhando a aula dos outros professores”. “Flávio, eu deixei o Kevin ir ao banheiro e ele chegou na sala dizendo que estava na sua aula rodando pião”. “Tomei o pião daquele menino, não aguentava mais”.

O desconforto foi tamanho, direção, inspetor, coordenação, colegas professores, pessoal da limpeza, não foram poucas as conversas sobre as tentativas das crianças de jogar pião nos momentos considerados impróprios pelos adultos. “Ô menino, para de rodar esse pião em cima da mesa”. “Professor, a professora pegou meu pião, pede lá para ela”.

Seguindo com as experimentações, olhando os movimentos, a produção de um emaranhado de gestualidades em volta da prática de pião, uma estudante leva para o local da aula um caderno e algumas canetas. Sem saber o que

escrevia, tento chegar próximo para identificar a produção e surpreendentemente passava para o papel uma das representações possíveis sobre o pião. “Professor, olha o que eu desenhei”.



Neste meio, a cada aula se celebrava não só quem conseguia rodar, mas também quem se arriscava com o pião nas mãos. “A Giuliana rodou”. “Ela conseguiu?”. “Eeeee. Que legal”. “Nossa, professor, eu só consigo rodar este aqui”. Observando este frenesi, uma das crianças que aparentemente estava desgostosa com a prática, correndo para lá e para cá atrás do colega, para entre aquelas que rodavam e é conduzida a refletir sobre as relações que tecia na aula: “Nossa, a menina chegou hoje e já conseguiu rodar o pião”. “Então, vocês logo desistiram, ficar correndo atrás um do outro não vai te ajudar a rodar, tem de pegar o pião e tentar”.

Dentro de tantas imprevisibilidades, um estudante apresentou aos colegas um jogo que conheceu na rua onde morava, deixando o momento ainda mais enriquecedor ao ampliar as possibilidades de brincar com o pião. “Professor, me empresta esses piões aqui?”. “Pra quê?”. “Pra jogar cela”. “Como é que vocês jogam?”. “Tem de jogar ali no meio”. “Se eu tirar o pião que tá dentro da cela eu pego pra mim”. “Mas se o dele rodar dentro da cela e não sair aí ele fica”.



Novamente, os conhecimentos se cruzaram, hibridizaram-se as práticas, o funk começa a borbulhar na brincadeira com pião. Dois estudantes iniciam uma espécie de batalha de rimas, enquanto os demais os seguem batendo palmas e atentos a cada palavra. O improvisado é a grande arma da situação, aquilo que está a frente dos olhos atravessa a narrativa, assim, as experiências tocadas nas aulas permeiam as trocas do momento. “Então, cala a sua boca, você nem sabe rodar, o pião, então, então, você nem aprendeu a rodar”. “Empresta o pião, rapidinho - Então cala a sua boca, meu amigo, meu colega. Não, não. Errei... Então cala a sua boca eu já sei rodar pião, sabe o que eu não sei? É pegar logo na mão. Sabe o que eu não sei? É rodar e pegar na mão”

Caminhando para o encerramento da tematização, trocamos ideias para saber os possíveis efeitos provocados pelas vivências e discussões tecidas nas aulas anteriores. “Não aprendi a rodar, mas é interessante”. “Faz barulho”.

“Aprendi com o Cauê”. “Interessante como se produz”. “Não é difícil de aprender”. “Tem de plástico, tem de madeira”. “Criativo”. “Tem vários jeitos de jogar”. “A ponta do pião afunda e fica difícil de rodar depois”. “Prende a corda no dedo”. “Aprendi a pegar na mão”. “Quase acertou meu olho”. “Gostei porque é antiga”. “Chato”. “Eu ensinei o Vitor”. “As meninas também conseguiram”. “Jogamos cela”, “Comprei um pião no Wilson⁴”. “A gente não sabia o que era pião”. “As meninas tem recalque dos meninos porque elas não conseguiram rodar”. “Não é verdade, a gente conseguiu sim”. “Eu lembro de você ter chorado no primeiro dia por não ter conseguido enquanto algumas meninas rodavam”. “É, mas eu aprendi”.



⁴ Wilson é o proprietário de um bazar na comunidade.

